

Nível Alto

O debate eleitoral sobre as grandes questões nacionais foi oportunamente enriquecido pela entrevista do candidato do PPS à presidência da República no **JORNAL DO BRASIL** de ontem. Para **Ciro Gomes**, seja qual for o futuro presidente, seu maior desafio será o ajuste fiscal, cuja demora ameaça o real.

A análise crítica dos rumos do Plano Real e dos erros que **Ciro Gomes** atribui ao presidente **Fernando Henrique**, por não ter aproveitado a eleição em primeiro turno para implementar, no começo do mandato, as medidas mais duras do ajuste fiscal e as propostas de reformas constitucionais mais polêmicas (que se arrastam no Congresso), merece reflexão geral e serve de exemplo para os demais candidatos.

Ciro Gomes foi o primeiro interlocutor do candidato à reeleição a mostrar que a campanha comporta alto nível. Basta que o programa dos candidatos seja levado à escolha do eleitor com propostas e sugestões relativas aos grandes temas nacionais.

Os ataques pessoais e os xingamentos ouvidos como preliminar da campanha nada acrescentam. Só servem para evidenciar o despreparo para o jogo democrático e para desautorizar os que agora se apresentam com a face conciliadora, mas cujo radicalismo e o destempero verbal são velhos conhecidos dos eleitores, tanto quanto a falta de clareza de suas idéias.

Quem confunde causas com efeitos – como **El Niño** e a responsabilidade do governo pela seca – por falta de conhecimento ou com o propósito de insuflar os saques, demonstra não ter discernimento para tomar as graves decisões inerentes à presidência.

O resultado negativo da política fiscal este ano dá razão ao ex-ministro da Fazenda, cuja atuação foi decisiva na implantação do Plano Real e para a própria eleição do presidente **Fernando Henrique**. Só com o aumento dos custos financeiros da dívida do setor público, pela duplicação dos juros em outubro,

em defesa do real na crise asiática, o gasto foi de R\$ 19 bilhões. Em quatro meses consumiu-se quase todo o reforço fiscal de R\$ 20 bilhões previstos nas medidas aprovadas pelo Congresso em dezembro.

A intensidade da queda dos juros determinada pelo Banco Central esta semana pode até ter surpreendido o mais otimista dos operadores do mercado financeiro, que temia que o agravamento da crise econômica da Rússia interrompesse o processo de queda ou levasse o Banco Central a reduzir a velocidade da queda.

A fragilidade do quadro fiscal levou à decisão mais ousada. O ônus do endividamento financeiro está não apenas impedindo todo o esforço de ajuste fiscal empreendido pelo governo federal, porque as finanças dos estados e municípios, que não seguiram ao pé da letra a cartilha da austeridade, foram dilapidadas pelo impacto dos juros.

A situação é tão insustentável que o ex-presidente do BNDES, **Edmar Bacha**, passou a defender metas quantitativas mensais e trimestrais para o gasto público, incluindo as empresas estatais. É que o efeito recessivo dos juros altos sobre as atividades do comércio, da indústria e da economia em geral, além de elevar os índices de desemprego, está afetando a arrecadação de impostos federais e estaduais.

O candidato do PPS chama a atenção para a necessidade de se antecipar o quanto antes o debate sobre o ajuste fiscal, a conclusão das atuais reformas constitucionais, como a administrativa e a previdenciária, e a imediata discussão da reforma tributária. São questões vitais e inadiáveis.

Quanto mais cedo o eleitor tomar consciência da gravidade dos problemas e da urgência das soluções, menor será a possibilidade de sentir o gosto de uma traição quando o ano de 1999 começar com políticas ainda mais austeras e recessivas para corrigir o que não foi feito antes. **Ciro Gomes** deu uma inestimável contribuição para elevar o nível do debate político da campanha eleitoral.